

# B

SPECIAL

## Um mau sinal

■ O pito que o general Leônidas passou na Constituinte lembra antigas vozes vindas dos quartéis

Augusto Nunes

O ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, avisa que os arreganhos com os quais esquentou a última reunião da cúpula do governo não foram bem arreganhos. Explica o general que se limitou a criticar alguns tópicos do anteprojeto de Constituição redigido pelo errático deputado Bernardo Cabral. Esclarece que assim agiu na suposição de que, por se tratar de uma reunião reservada, nada do que ali se dissesse chegaria à imprensa. Teria ocorrido, portanto, uma ligeira lavagem de roupa suja numa tertúlia em família. E vida que segue.

Essa versão dificilmente seria subscrita pelo mais bisonho dos cadetes. Para começo de conversa, sabe o general que, por estas bandas, ministros militares não fazem críticas, fazem ameaças. Sabe também que vivemos numa nação muito falante, e que suas palavras com certeza seriam retransmitidas aos jornalistas por alguns dos presentes à reunião. O ministro falou, portanto, para que o Brasil o ouvisse. Pior ainda, falou depois de ter combinado esse enxerto no script original (e o tom da fala) com o presidente José Sarney. A julgar pelos elogios derramados sobre Leônidas no discurso presidencial de Piquete, nesta quarta-feira, Sarney

gostou muito do desempenho do general amigo.

Seremos modernos um dia? Também minha geração (mais uma) começa a desconfiar de que não viverá para ver este país suficientemente longe das cavernas que abrigara nossos avozinhos quase querentões, ainda não chegamos à idade de votar para presidente. Mas cedo nos emanciparam para o pagamento de impostos e, sobretudo, para a contemplação do pátio de milagres nacional, uma coleção de sintomas de subdesenvolvimento em que figuram a barbárie das guerras nas favelas e a cupidez dos marajás, o atrevimento do crime organizado e a audácia dos assaltantes de colarinho branco, os cabides de emprego onde se penduram apadrinhados e os paus-de-arara onde são pendurados prisioneiros, a corrupção generalizada, a desfaçatez dos bicheiros e o despudor dos deputados pianistas e falsificadores de assinaturas. Pois são sintomas idênticos de subdesenvolvimento a espartez de dos políticos civis e o sibilar dos generais.

Os brasileiros sensatos acreditaram que, encerrada a desastrosa aventura militar que consumiu 21 anos de nossas vidas, teríamos alguma trégua para tentarmos conferir melhor destino a um país afundado numa gravíssima crise política, econômica e moral. Engano. Nem mesmo sa-  
cudimos a poeira dos títulos elei-

torais e lá vem os quartéis agredindo-nos os ouvidos exaustos das vozes dos salvadores da pátria.

Por enquanto, são poucas as vozes audíveis. Mas é sempre assim que tais tragédias começam. Passar pitos na Constituinte, como fez o general Leônidas, é um mau exemplo e um mau sinal.

Miremo-nos no exemplo da vizinha Bolívia. Até recentemente, esses nossos primos sul-americanos pareciam ter encontrado no golpe de estado a solução nativa para o problema do rodízio de governantes. Depois de um certo tempo (necessariamente reduzido, pois eram sempre muitos os pretendentes e curta é a vida), um general dava um golpe e pronto: mudava-se o governo sem que fossem feitas eleições, sempre caras e complicadas. Em seu filme *Bananas*, Woody Allen mostrou uma republiqueta onde um golpe de estado ocorria em hora e local previamente marcados, para que a televisão não perdesse um espetáculo que começava com o assassinato do presidente de plantão. A Bolívia parecia destinada a chegar lá. Pois aí estão os bolivianos a exibir-nos um governo civil domando o monstro da inflação e militares em seu canto, obedientes às regras constitucionais.

Caso se consuma outro golpe à brasileira, nosso país poderá transformar-se numa região do



planeta onde se alternam no poder, sempre sem eleições, a incompetência militar e a inépcia civil. Estaremos, portanto, ainda piores que nossos turbulentos vizinhos, o que não deixa de ser uma façanha merecedora de um caprichado samba-enredo na Marquês de Sapucaí. Configura-

do tal quadro, os cientistas políticos do outro lado da fronteira terão de estudar com cuidado os riscos de "brasilização" da Bolívia. E, se algum dia o presidente Ronald Reagan visitar La Paz e declarar-se feliz por estar no Brasil, os bolivianos terão todo o direito de sentir-se pesadamente ofendidos.